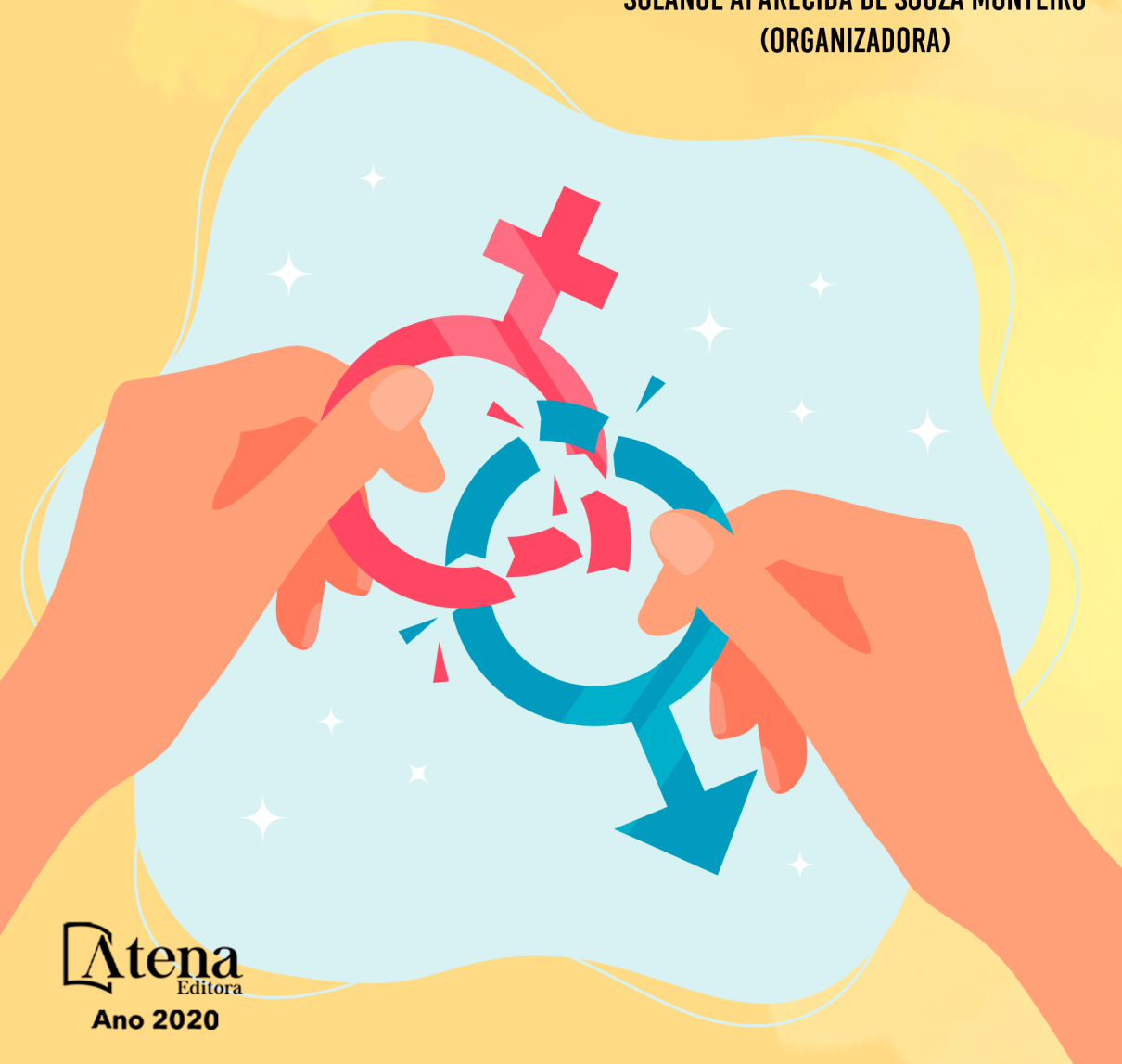


# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-451-1  
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

### **SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM**

*Adriana Novais*

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

*Cirila Cervera Delgado*

*Mireya Martí Reyes*

*Esteffany Muñiz Paz*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030091**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

*Andressa Santos de Almeida*

*Tercília Júlia Oliveira Rodrigues*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030092**

### **CAPÍTULO 3..... 24**

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

*Rafaela Sepulveda Aleixo Lima*

*Laís Teixeira Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030093**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

*Carla Rezende Gomes*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030094**

### **CAPÍTULO 5..... 56**

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

*Ana Paula Oliveira Barros*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030095**

### **CAPÍTULO 6..... 62**

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

*Rogério Goulart da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030096**

### **CAPÍTULO 7..... 73**

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

*Júlia Gonçalves Barreto Baptista*

*Thais Maria Nogueira da Gama*

Paula Land Curi

**DOI 10.22533/at.ed.5112030097**

**CAPÍTULO 8..... 84**

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5112030098**

**CAPÍTULO 9..... 96**

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.5112030099**

**CAPÍTULO 10..... 110**

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300910**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.51120300911**

**CAPÍTULO 12..... 123**

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

**DOI 10.22533/at.ed.51120300912**

**CAPÍTULO 13..... 134**

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300913**

**CAPÍTULO 14..... 155**

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>187</b>
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>201</b>
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>214</b>
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>224</b>
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>242</b>
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>253</b>
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira  
Monalisa Rodrigues da Cruz  
Catarina Laborê Vidal Fernandes  
Alana Kelly Áfio Caetano  
Bruna Karine Amorim da Costa  
Rita Maria Silva Almeida  
Rayssa Veras Camelo  
Rita de Cássia Gadelha da Silva  
Rachel Cabral Mota  
Laryssa Sá Machado

**DOI 10.22533/at.ed.51120300921**

**CAPÍTULO 22.....259**

**GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
Melissa Camilo  
Débora Cristina Machado Cornélio  
Débora Fernandez Antonon Silvestre  
Marilurdes Cruz Borges  
Jeize Loici Back  
Monique Delgado de Faria  
Fabrício Augusto Correia da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.51120300922**

**SOBRE A ORGANIZADORA.....277**

**ÍNDICE REMISSIVO.....278**



# CAPÍTULO 7

## MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

*Data de aceite: 01/10/2020*

*Data de submissão: 05/08/2020*

### **Júlia Gonçalves Barreto Baptista**

Instituto Nacional da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher – PPGSCM  
Rio de Janeiro - RJ  
<http://lattes.cnpq.br/2323824530740654>

### **Thais Maria Nogueira da Gama**

Serviço de Psicanálise em Atenção à Infância e a Família/Instituto São Zacharias de Estudos e Pesquisa da Santa Casa de Misericórdia/UCAM, Programa de Psicanálise com Crianças - Intervenção Precoce  
Rio de Janeiro - RJ  
<http://lattes.cnpq.br/1902859973568477>

### **Paula Land Curi**

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia  
Niterói - RJ  
<http://lattes.cnpq.br/8789831240945457>

**RESUMO:** O conhecimento científico, orientado por uma tentativa de neutralidade e universalidade dos saberes, edificou pressupostos sobre o corpo da mulher que reverberam até hoje nas práticas de saúde. Entretanto, a construção desse se deu, historicamente, por pessoas brancas, do sexo masculino. Ainda assim, a posição epistemológica pela qual a ciência foi hegemonicamente forjada, não compreende este dado como problemático

ou relevante, acarretando em uma concepção automatizada e desencarnada do conhecimento. O corpo da mulher foi alvo das ciências biológicas, e seus discursos criaram destinos sobre aqueles que se dedicam. Versando-se sobre a mulher, falamos aqui sobre os saberes produzidos, especificamente, pela ginecologia e obstetrícia, que ao tomarem o corpo feminino como objeto de conhecimento, produzem práticas de gerenciamento do mesmo, resultando na chamada “medicina da mulher”. Essa fabricação instituiu os discursos médico-científicos sobre a mulher e seu viver, recusando uma subjetividade que eclode. O contexto da maternidade atual, campo em que nos fixamos, produz uma vivência em que estes saberes incidem e tomam o corpo da mulher, delimitando a experiência que é habitá-lo. Nesta lógica, a mulher está submetida ao império dos seus órgãos reprodutivos e engessada em uma forma específica de viver. Todavia, compreendemos, neste trabalho, em uma operacionalidade destes saberes médico-científicos para que a articulação da ciência com o mundo seja manejada para não ser feita com violência, mas com cuidado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicalização, gênero, saúde da mulher.

### **MEDICALIZATION AND GENDER: BRIEF REFLECTIONS ON WOMEN'S SCIENCE AND HEALTH PRACTICES**

**ABSTRACT:** Scientific knowledge, guided by an attempt at neutrality and universality of knowledge, has built up assumptions about women's bodies that have reverberated until today in health practices. However, the construction of this has

historically been done by white, male people. Even so, the epistemological position by which science was hegemonically forged, does not understand this data as problematic or relevant, leading to an automated and disincarnated conception of knowledge. Women's bodies have been the target of the biological sciences, and their discourses have created destinies for those who dedicate themselves. Looking at women, we talk here about the knowledge produced specifically by gynecology and obstetrics, which, by taking the female body as an object of knowledge, produce practices of its management, resulting in the so-called "women's medicine". This fabrication instituted the medical-scientific discourses about women and their life, refusing a subjectivity that hatch. The context of maternity today, the field in which we fix ourselves, produces an experience in which these knowledges influence and take over the woman's body, delimiting the experience that is to inhabit it. In this logic, the woman is submitted to the empire of her reproductive organs and plastered in a specific way of living. However, we understand, in this work, in an operability of this medical-scientific knowledge so that the articulation of science with the world is managed not with violence, but with care.

**KEYWORDS:** Medicalization, gender, women's health.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os conceitos científicos se exprimem, em sua maioria, numa linguagem natural que não pode ser separada do contexto social em que está inserida (KELLER, 2009, p. 129).

O iluminismo tinha uma promessa: a ciência como um saber neutro. Para a metodologia que atinge a todos, universal e objetivamente, não cabe discutir os sujeitos que a constroem, não cabe falar de raça, classe ou gênero. A prática científica racional ultrapassaria esses conceitos mundanos e culturais.

Em oposição a essa leitura, interrogamos: como esse apagamento sobre a construção dos saberes produz realidade nas práticas de saúde da mulher? Quais realidades são constituídas sob o jugo de uma imparcialidade dos saberes? E mais, de que lugar podemos falar para nos deslocarmos desta lógica na construção de ciência?

Prosseguimos essa discussão ao lado da literatura internacional acerca das intersecções dos estudos de gênero e ciência orientados por uma perspectiva crítica feminista que denuncia os limites do conhecimento no modelo em que está assentado e, com isso, produz uma ruptura em relação ao modelo científico hegemônico.

Scott (1995) sistematizou a forma com que feministas se instrumentalizaram com a categoria "gênero" como elemento constituinte das organizações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e, depois, como forma de significação das relações de poder (SCOTT, 1995). Sobre a categoria, Scott pontua:

devemos constantemente perguntar não apenas o que está em jogo em proclamações ou debates que invocam o gênero para explicar ou justificar suas posições, mas também como compreensões implícitas de gênero estão sendo invocadas ou reinscritas (SCOTT, 1995, p. 92)

O imaginário de gênero nos informa certas realidades do social, logo, também é incorporada na construção dos saberes científicos. As mulheres, nessa ordem normativa, são atingidas pela opressão de gênero de formas específicas, que trataremos mais a frente.

Löwy (2000), por sua vez, ao discutir a interseção entre gênero e ciência, pontua que “não podemos, pois, falar de “universal” (saber universal, valores universais) sem examinar o que o termo encobre, o que exclui e o que esconde” (p. 26). Compreende que esta pretensão da ciência – universal - incorpora a visão de mundo dos homens ocidentais criadores da mesma (LÖWY, 2009).

A categoria de *objetividade*, como aponta Haraway (1995), também foi exaustivamente trabalhada como aquilo passível de ser atingida através da descorporificação dos saberes. A autora, no entanto, subverte esse conceito ao propor uma *objetividade situada, feminista*, que passe pela lucidez da existência de um corpo localizado no espaço-tempo.

Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados (HARAWAY, 1995, p. 18).

Com isso, utilizamos a categoria de gênero de duas maneiras: para fazer coro a mudança do paradigma científico da objetividade e neutralidade de uma ciência descorporificada, que parte da discussão da problemática dos impactos das desigualdades e práticas de dominação de gênero na produção de conhecimento científico; e, também, da compreensão sobre as marcas de gênero – pautadas por e em uma sociedade patriarcal - sobre o corpo da mulher através dos saberes produzidos nessa ordem social.

Ao seguirmos essas autoras, podemos inferir que a história da ciência costuma ser tratada como uma narrativa masculina, épica - geralmente sobre atos heróicos e eventos grandiosos. Enquanto a ciência produzida junto a crítica feminista é uma história da singularidade, de um saber que está e se dá em um contexto e, por isso, não deve ser generalizado. Dito isso, cabe ressaltar que nossas reflexões são fruto do trabalho e pesquisa em psicologia, em uma maternidade de alto risco materno e fetal, localizada em um hospital universitário.

Por outro lado, na ciência não-marcada e descorporificada, o corpo da mulher foi tomado pelo discurso biomédico como universal através de determinações de seu sexo e sua condição reprodutiva, em que a condição orgânica e a condição social de gênero se entrelaçam (VIEIRA, 2015). O discurso do Homem Branco Europeu influenciou sobre os corpos das mulheres e criou um corpo específico de saberes. O corpo da mulher, assim, se tornou objeto da ciência médica a serviço de uma ordem patriarcal.

O corpo da mulher – dizemos ‘o corpo’, no singular, propositalmente, visto que é forjado como um único univesal nesta perspectiva de ciência – emerge a partir de contingências localizadas historicamente. Forja-se uma pressuposição de uma essência, uma natureza única, em comum entre as mulheres, desconsiderando a pluralidade entre

as mesmas. A partir destas considerações, Rohden (2009) observa que uma das principais reclamações das feministas em relação aos cientistas era que eles nunca as consideravam como indivíduos, mas sempre como um grupo:

Os homens de ciência estavam preocupados em classificar, categorizar e generalizar, fixando seu olhar em grandes coletividades mais do que em indivíduos. Era assim que chegariam à formulação de classificações gerais e leis universais (ROHDEN, 2009, P.40).

Como Martins (2004) aponta, foi o pensamento misógino, de ódio e aversão às mulheres e a tudo que é relacionado a elas, no século XIX, que possibilitou a criação da “medicina da mulher”. Ao almejam conceber uma verdade sobre este corpo, individualizando seu objeto, produzindo imagens realistas e construindo um vocabulário próprio, as “ciências da mulher” formaram um corpo semi-imutável da ordem das representações (MARTINS, 2004).

Com o parto e outras características que o circundam como objeto da medicina, a condição de um ideal de mulher no lugar do feminino-mãe é naturalizada. Assim, a medicalização do corpo da mulher - a apropriação deste corpo através de definições por termos médicos e a transformação dos processos da vida das mulheres em eventos que exigem intervenção médica - funciona como técnica de domesticação do corpo, traçando um lugar específico para as mulheres e limitando-as em fronteiras que desenham o que cabe ou não ao seu corpo (ROHDEN, 2009).

A procriação, em especial, deixou de ser vista como uma questão fundamental para o sujeito e passa a ser “tratada” pela medicina, embora não propriamente como uma doença. Chatel (1995) nos adverte: a procriação passa para as mãos dos médicos (obstetras, ginecologistas, especialistas em fertilizações, etc.) – ocupados com a medicina científica, num processo crescente de intervenção e objetivação. Para isso, a prática médica tornou-se uma profissão relacionada ao domínio da linguagem técnica e da educação universitária, passando a ser reservada aos homens. Pensava-se, então, que ele havia descoberto sua verdade: a mulher era seu corpo e sobre este se dirigiam os olhares e as práticas (MARTINS, 2004). Parteiras e curandeiras transformaram-se em ameaças ao saber (TURNER, 1987 *apud* VIEIRA, 2015)

Sobre esse fenômeno, Galeotti (2003) observa que, as parteiras que durante séculos tiveram a função de “governar” as mulheres “antes, durante e após o parto”, que eram guardiãs de uma ciência secreta no que respeita à gravidez são tiradas de cena. De acordo com a autora, é inequívoca a transformação sofrida pela parteira, profundamente alterada nas suas competências concretas e na sua função simbólica (convém não esquecer, de resto, que o interesse que os poderes públicos irão ter por ela deve-se, principalmente, à sua função de provocar abortos). Desta forma, “o fato de as estatísticas da mortalidade serem consideradas dramas nacionais faz com que o bode expiatório seja precisamente a parteira, cujos poderes femininos, empíricos e orais apresentam qualidades típicas da negatividade” (GALEOTTI, 2003, p.95).

Assim, uma convergência de fatores complexos explicaria a instituição da medicalização do corpo feminino. No entanto, a maneira como a medicalização construiu esses corpos se presentifica nas práticas de saúde ainda hoje.

Ao iniciar o século XXI, vemos que esse mesmo gerenciamento dos corpos femininos não se alterou. Hoje não pesam nossos cérebros, nem nos reduzem à materialidade de nossos úteros e ovários. No entanto, nossos corpos continuam a forjar nossos destinos, a nos pregar peças [...] (MARTINS, 2004, p. 16).

Ainda que mudanças ocorram, o lugar fortificado de um corpo *da e para* a maternidade se propaga. O que queremos dizer é que, mesmo com mudanças dentro do saber biomédico sobre o corpo da mulher, continuamos a manter um paradigma de um ‘natural’ que se sobrepõe às outras muitas possibilidades de ser mulher. Com isso, ser mulher se funda e se finda em ser mãe.

Ao desistoricizar essa construção, contudo, a hegemonia do saber biomédico persiste em se fazer presente nos hospitais-maternidade de hoje. Nas maternidades dos dias de hoje, podemos observar o quão ainda vivemos sob a sombra desse percurso. Nesse sentido, é imprescindível fazermos o retorno a essa história e compreender as edificações sobre o corpo da mulher sob outro posicionamento, e pensar quais foram e são seus efeitos nas práticas da assistência a saúde. De certa forma, tomamos o corpo da mulher, então, não como algo fixo e com pré-disposições, mas que é constituído nas articulações com o mundo a sua volta.

## 2 | A MEDICINA DA MULHER

A partir da leitura de Foucault, na escrita da sua *História da sexualidade: a vontade de saber*, somos levadas a compreender que “uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da população, como problema econômico e político” (FOUCAULT, 2017, p.28)

A autoridade do discurso médico-científico, é consolidado no século XIX como um saber sobre o corpo, ao mesmo tempo que constitui lugares sociais a partir dele. O autor observa que o controle da sociedade sobre os indivíduos começa a ser operado no corpo, com o corpo, não simplesmente pela consciência ou pela ideologia: “O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 1984, p.80).

No cerne dos problemas econômicos e políticos da população, o autor evidencia o sexo:

É necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. (FOUCAULT, 2017, p.29).

É a primeira vez em que, ressalta o autor, pelo menos de maneira constante, “uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e às virtudes dos cidadãos, não apenas às regras de casamento e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo” (FOUCAULT, 2017, p.29).

Rohden (2009) ao se inclinar sobre os estudos de Foucault, observa como a construção social em torno do sexo feminino vai ganhando importância aos poucos. Antes disso, no século XVI, já se dissecavam corpos de homens e mulheres, porém, as diferenças ainda não eram salientadas ou estudadas. Enquanto no século XVIII a disciplina do sexo ainda incidia preferencialmente nos colégios de meninos e escolas militares, no século seguinte é a mulher que passa a adquirir maior importância médico-social, sobretudo em função dos problemas ligados à maternidade, ao aleitamento, à masturbação (ROHDEN, 2009, p.30).

Foi assim que, na segunda parte do século XVIII as diferenças sobre os sexos começaram a ser uma questão para os Estados. O corpo feminino, por ser estratégico no jogo demográfico, passa a ser objeto de intervenção da medicina. O papel do médico na construção do novo corpo feminino - da mulher-mãe – será então essencial, e, com isso, são convocados para participar ativamente das discussões a respeito da natureza feminina e sua adequação para as funções maternas (NUNES, 2000).

Apenas no contexto da tentativa de redefinir a posição da mulher na sociedade europeia do século XVIII que surgem as primeiras representações do esqueleto feminino, provando que a anatomia e outros interesses da ciência não são arbitrários, e incidem sobre politicamente sobre partes do corpo (ROHDEN, 2009, p.34).

É neste cenário que a medicina utilizará as funções fisiológicas e biológicas do corpo feminino, ao posicionar a mulher como mãe, no centro das “políticas de gestão de vida” nas sociedades ocidentais modernas, como instrumento para se fortalecer na sociedade e controlar progressivamente a família.

[...] a medicalização (e a educação) minuciosa dos corpos e dos sexos das mulheres em nome das responsabilidades que elas teriam relativamente à saúde dos seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade (FOUCAULT, 1979, p.137).

As múltiplas representações que se configuraram sobre o corpo das mulheres estiveram, a partir da modernidade, articuladas a diversas formas de controle (PEDRO, 2003). Os discursos médicos explicitavam aspectos de normatização de um imaginário social urbano em transformação, com a construção de um perfil ideal do corpo feminino: os corpos que só devem procriar. Assim, as mulheres seriam levadas em consideração na exata medida em que eram ou viriam a ser mães, e a existência da mulher e suas funções sociais seriam delimitadas por compreensões sobre o seu corpo com base em sua condição reprodutiva e o momento do parto (VIEIRA, 2015).

No bojo dos grandes desenvolvimentos do século XIX, Rohden constata que a medicina da sexualidade e reprodução era a medicina da mulher, expressa sobretudo na criação de uma especialidade, a ginecologia, uma disciplina que está intimamente articulada ao movimento científico mais geral de ordenação sistemática do mundo natural e que se definia como a “ciência da mulher”.

A ginecologia – e toda a produção em torno da sexualidade e reprodução na mulher – se constitui como um conhecimento elaborado com base na percepção de como as mulheres são distintas dos homens. Não há nada semelhante no caso masculino, ou seja, uma ciência do homem que tenha como ponto de partida a diferença entre ele e a mulher [...] A questão em jogo, portanto, é uma assimetria que se coloca na prática, que aponta para uma relação particular entre medicina e a mulher, para uma maior medicalização do corpo feminino em contraste com o masculino (ROHDEN, 2009,p.52).

Assim, as mulheres passam a estar sob a lógica vigente de submissão ao império dos seus órgãos reprodutivos. Inclusive, Martins (2004) atenta para o fato de que muitos médicos compreendiam que a normalidade se dava na ausência do desejo e da incapacidade de atingir o prazer sexual, com isso, a mulher normal seria anestesiada para o exercício de sua sexualidade e canalizada para a reprodução.

A ideia da vocação da mulher para a maternidade passa a ser naturalizada e inserida no cotidiano das práticas de assistência. Todavia, no momento do parto, ela pouco tem a fazer. Para os homens cultos do século XIX, o médico se torna o mais indicado para proteger a mulher de sua instável natureza. O hospital, depois, torna-se palco desse cenário.

### **3 | O HOSPITAL-MATERNIDADE**

Foucault (1984) aponta que os hospitais como conhecemos hoje - lugar da cura, território médico, instrumento terapêutico - só ganham sentido a partir de uma mudança na maneira de intervir sobre o corpo. Assim, o hospital deixa de ser constituído a partir, somente, de uma figura arquetônica, mas faz parte de um fato médico-hospitalar que faz uso do corpo como um instrumento de poder. Se antes o hospital era um lugar de exclusão social, para proteger a cidade de possíveis perigos e, para isso, manter algumas condições para que doenças, loucos e pobres não se disseminassem, agora o médico torna-se primordial dentro dessa instituição (FOUCAULT, 1984). A medicina passa a se interessar pela instauração da saúde e pela produção de um corpo não-doente.

Assim, podemos olhar para tal dispositivo, atualmente, como algo que possui um percurso, um movimento de construção, mas, ainda assim, possui marcas coerentes com sua produção. Essas marcas são ainda visíveis na prática atual, se disseminam e constroem realidades sobre a assistência em saúde. Se em um primeiro momento as parteiras são substituídas pelos médicos, depois, as casas são substituídas pelos hospitais. (MARTINS, 2004).

Nas últimas décadas do século XIX, há um início de uma campanha médica para controle do parto pelos médicos, clamando por uma circunscrição do parto para o espaço hospitalar (MARTINS, 2004).

As criações médicas do fim século XIX e início do século XX fundaram o início do afastamento da mulher em seu próprio parto, cada vez mais distante do lugar de protagonista da cena, encontrando-se insegura e submetendo-se a todas as ordens e orientações de seu médico diante de uma relação médico-paciente assimétrica. Os dispositivos hospitalares, com sua discrepância na distribuição de poder, domestica os corpos das mulheres ao estabelecerem ideais sobre suas experiências, como a naturalização de um instinto materno ou mesmo sobre o ato de amamentar.

O hospital-maternidade aparece como herdeiro da lógica da medicalização da mulher, apesar de um tanto tardiamente, comparado à história a que Foucault se refere, criando-se um modelo de se nascer, um “nascimento técnico”, em que a presença de médicos é indispensável. A medicina, fundamentada nos saberes da obstetrícia e ginecologia, criou uma nova forma das mulheres se relacionarem com o corpo, com o parto e com a vida.

Agora, tornar-se mãe, além de tudo, acontece sob a vigília de profissionais de saúde na atual instituição do nascer. Os discursos sobre a mulher, sua saúde, sobre o que é ser mãe, incide e toma esse corpo concreto e cria um papel natural e universal para a mulher: a maternidade. Como nossa prática nos ensinou, muitos dos profissionais ali presentes exercem suas práticas de forma a reforçar estereótipos de gênero. Com isso, a instituição hospital-maternidade e aqueles que ali estão presentes, atuam como uma fábrica de mulheres-mães “naturais”. Nesse cenário, a mulher *precisa* amamentar, *precisa* ter uma dedicação exclusiva ao seu bebê enquanto este está internado, não pode demonstrar tristeza se o bebê estiver bem, nem pode demonstrar estar bem se o bebê está com a saúde debilitada. A mulher fica submetida a um ideal de mulher-mãe formado no imaginário social e incorporado pelos profissionais de saúde. Assim, as singularidades que emergem são negadas ou disciplinadas através de uma cortina das técnicas.

Com isso, exclui-se aquelas que a utilizam, se ignora a maneira com que se utiliza, se ignora aquela que a utiliza. Com isso, apreende-se os hospitais-maternidade de maneira abstrata, sem levar em consideração a forma com que as relações se dão concretamente nesses espaços. Naturalizar os discursos médicos-hospitalares sobre a mulher, especialmente quando há uma proposição de políticas que a localizam apenas como mãe significa, nada mais nada menos, que mantemos a ordem estabelecida do século XIX<sup>1</sup>.

---

1. As primeiras políticas de atenção à saúde da mulher no Brasil, por volta dos anos 70, são limitadas a programas de assistência limitados aos problemas decorrentes da gestação e do parto. O PAISM (1983), entretanto, rompe com essa tradição. Com isso, a área da saúde da mulher passa a englobar outras dimensões do seu viver e evidencia uma perspectiva feminista da política pública. O programa se constitui também como um marco histórico, na medida que incorporou como princípios e diretrizes as propostas de descentralização, hierarquização e regionalização dos serviços, bem como a integralidade e a equidade da atenção.



## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma “ciência situada” pode abrir caminho para uma outra definição de objetividade e de universalidade – definição que inclui a paixão, a crítica, a contestação, a solidariedade e a responsabilidade. (LOWY, 2000, p. 38).

Entendendo que os olhares produzidos pelo discurso médico têm ação direta nos corpos das mulheres nos dias de hoje, a questão que se impõe é: como utilizar os saberes sobre o corpo da mulher e as tecnologias criadas para o gerenciamento do mesmo, ainda sabendo da forma como se constituíram, e subverte-las em novas tecnologias de *cuidado* em saúde?

Com isso, precisamos nos desviar de em uma discussão que apenas demonize as tecnologias e a ciência, afinal, vivemos em um mundo simbiótico a elas. Pelo contrário, precisamos criar saberes científicos sem sermos vítimas de nossas criações, de forma responsável e a nosso favor. Apostamos na operacionalidade destes saberes médico-científicos, contando que a articulação da ciência com o mundo precisa de atenção ao ser manejada, com o intuito de criar práticas assistenciais alternativas a esta que vivemos hoje, uma vez que estas hostilizam a mulher, apoiando-se no imaginário da opressão de gênero e em uma suposta neutralidade dos saberes científicos.

O esquadrinhamento do corpo pelo domínio da ginecologia, direcionando o olhar da superfície para o interior, tinha como projeto construir novas linhagens da mulher a partir da exclusão de outras realidades e possibilidades de existência. Porém, a mulher universal dotada de uma certa natureza – proposta pela ciência neutra (masculina e branca) – ela não existe, mas sim mulheres plurais e diversas. As construções das diferentes acepções do corpo feminino nos levou a compreender este como não dado apenas por pré-disposições ‘naturais’, mas por múltiplas possibilidades de ser construído e apreendido. Uma vez que para além da dimensão orgânica do corpo feminino, há um turbilhão de sentidos e discursos que o inundam.

Uma suposta “natureza feminina” explicou e delimitou a mulher dentro de certos espaços sociais, como o seu lugar frente a um instinto materno, se faz presente na fala de muitos profissionais de saúde, como podemos observar na prática em maternidade. No entanto, a subjetividade das mulheres, ainda em espaços opressores, emerge e se choca com os dizeres e certezas dos profissionais de saúde. Com isso, o lugar social da mulher – em uma sociedade que a oprime -, ao não ser correspondido pelas mulheres reais, passa a ser negado ou disciplinado.

Por isso, no lugar de profissional da saúde e produtores de saber, é imprescindível ficarmos atentos à outras possibilidades de formas de aparecimento das mulheres nesse cenário, para não excluirmos a pluralidade de suas existências. Dessa forma, torna-se possível outras práticas de cuidado ao sujeito, que não o violentam institucionalmente a partir da opressão de gênero. Portanto, devemos sempre avaliar nossas atuações de maneira

crítica, estabelecer um diálogo entre os diferentes sujeitos ali em cena, proporcionando um maior entendimento da experiência de cada um.

Para esse projeto se concretizar, compreendemos a necessidade de boas parcerias entre as equipes multiprofissionais. São nas parcerias que se permite identificar as fragilidades do dispositivo e planejar formas de atuação melhores, sustentando possíveis projetos para a instituição e buscando o aperfeiçoamento dos dispositivos em questão. Com a equipe multiprofissional, as expertises e saberes tecidos junto as mulheres podem ser construídos com múltiplos enfoques, ampliando a possibilidade de cuidado, e movendo o tratamento de um âmbito do universal e trazendo para o âmbito situado. Assim, os profissionais que ocupam este lugar devem questionar a produção e manutenção das formas de práticas estabelecidas e de rejeição da invenção e da diferença, substituindo a hegemonia do saber médico pela interseção entre os mais diversos saberes, incluindo o saber da paciente, e a afirmando como protagonista da cena.

Por conseguinte, sendo a maternidade não apenas um lugar, uma estrutura arquitetônica, mas agente de uma lógica vigente que faz constituir o corpo de uma determinada forma, o dispositivo e seus atores podem ser entendidos como potência para uma mudança na maneira de acessarmos o corpo da mulher. Dessa maneira, podemos fomentar outras possibilidades de atuar *com* as mulheres, não *em detrimento* das mesmas, e com isso, construir abordagens alternativas para as práticas de saúde e cuidado.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004

CHATEL, M. M., **O Mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da procriação**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

FOUCAULT, M., **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. In: Machado, R. (org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 6ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017

GALEOTTI, G. **A história do ab)rtto**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2003.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 5, p.07-41, 1995.

KELLER, E. F., Linguagem científica (sexuação da). In: HIRATA, H. et al (Orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 129- 132

LÖWY, I. Ciências e gênero. In: HIRATA, Helena et al (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 40-44.

LÖWY, I. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 15, p.15-38, 2000.

MARTINS, A.P.V.. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

NUNES, S. A., **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEDRO, J., As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio - século XX. In: MATOS, I; SHOHET, R (orgs). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

ROHDEN, F., Diferenças de gênero e Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das na criação do diagnóstico das disfunções sexuais disfunções sexuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 89-109, janeiro-abril/2009

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

VIEIRA, E.M.. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

### C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

### D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

### E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

### F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

### G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

### I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

## **M**

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

## **P**

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

## **Q**

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

## **S**

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

## **T**

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

## **V**

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 